

Transformações do campo religioso pentecostal brasileiro

A antecipação da *parúsia* cristã e a transformação da Ética do trabalho para a Ética do consumo

Ricardo Bitun¹

Resumo

Neste artigo analisarei algumas inquietações relativas às transformações ocorridas no interior do movimento pentecostal nas últimas décadas. O foco da análise é a maneira como a transição da sociedade tradicional para a sociedade moderna influenciou o universo pentecostal. Considerarei as mudanças ocorridas no pentecostalismo, visando sua adaptação à sociedade chamada moderna, fazendo que a igreja pentecostal reelaborasse sua teologia (seu discurso) e ingressasse na modernidade, ganhando competitividade junto ao mercado.

Em suma, busco demonstrar como o movimento pentecostal levou o sagrado para fora de suas paredes, ao mesmo tempo em que trouxe o profano para dentro, sem com isso “macular”, nem deixar transparecer esta mudança.

Pontuarei algumas considerações no sentido de ajudar a entender um pouco melhor a transformação ocorrida dentro do movimento pentecostal no Brasil. Temos pistas sobre essa mudança. Não me move o intuito de formular a melhor resposta sobre tais questões. Tampouco tenho a pretensão de ser a palavra final. Apenas almejo dar singela contribuição à compreensão do pentecostalismo no Brasil.

Palavras chave: Neopentecostalismo, Mercado, Modernidade, Ética e Teologia.

ABSTRACT

In this brief article I will consider some of the uneasiness concerning the transformations occurred in the Pentecostal movement in Brazil in the past decades (in the last three decades). I will try to analyze how the transition from the traditional to the modern society influenced the Pentecostal world, verifying the changes occurred in the Pentecostalism so that it would adapt to the so called modern society, causing the Pentecostal Church to rework its theology (its speech) and enter modernity being more competitive in the market. In short, how the Pentecostal movement took the holy to the exterior of its walls, and at the same time brought the profane in, without “maculating”, or letting this change show. I will point out some concerns that might help to understand a little better the transformation process occurred in the Pentecostal movement in Brazil. We have some leads on this change (Some clues on that change seem evident). Certainly this will not be the only work that intends to answer these questions, nor have we the intention to be the last work. It is only a simple contribution to the study of Pentecostalism in Brazil. (Em vez de “It is only a simple... I would be happy if I could give my modest contribution to a better comprehension to the Pentecostalism in Brazil).

¹ Ricardo Bitun, é doutor em Sociologia pela PUC-SP e professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo.

Os primeiros pentecostais a chegar ao Brasil, a Assembléia de Deus (1911) e a Congregação Cristã no Brasil (1910), organizam-se dentro de uma organização chamada tradicional². O conceito de “sociedade tradicional” designa um sistema social de culturas mais avançadas em relação às formas sociais mais primitivas.

Basicamente três pontos caracterizam a sociedade tradicional:

A existência de fato de um poder central de dominação (organização estatal do poder, em oposição a organização tribal); a separação da sociedade em classes sócio-econômicas (distribuição dos ônus e das compensações sociais pelos indivíduos, de acordo com as classes a que pertencem, e não segundo os critérios das relações de parentesco); e, pelo fato de estar em vigor uma imagem central do mundo (mito, religião avançada), para fins de legitimação eficaz do poder.(HABERMAS, 1975, p.32)

As relações sociais neste tipo de sociedade “se dão através de vínculos familiares, dominados por padrões de autoridade patriarcal. A família constitui a base da sociedade. Os comportamentos e ações sociais são prescritos pela tradição e autoridade. São sociedades homogêneas, com uma união baseada em ‘formas rígidas de vida, indiferenciadas’, prescritas pela comunidade. Nestas sociedades se dá muita importância a palavra, honra e sangue (relações de parentesco)”.(SUNG, 1994, p. 152)

As sociedades tradicionais se organizavam basicamente em torno de uma economia rural. As cidades eram o caminho da civilização, mas não assumiam um papel de centro das atividades econômicas sendo separadas do resto da sociedade. Além disso, “o mercado não exercia uma função central na economia, como acontece nas modernas sociedades capitalistas”. (SUNG, 1994, p. 153)

“Na sociedade tradicional existia um desdobramento entre um aquém imanente e um mais além transcendente, vinculados unicamente pela ética da boa vontade ou de méritos moralistas”(HINKELAMMERT, 2003, p.22-23). Em suma, o traço característico comum a sociedade tradicional é a estabilidade ao longo do tempo e a pequena variabilidade de situações diferentes entre os indivíduos. A transição da sociedade tradicional para a sociedade moderna caracteriza-se fundamentalmente pelo fortalecimento de três instituições: o Estado nacional, o mercado e a moeda; impulsionados pelo desenvolvimento técnico. (SUNG, 1994, p.159)

“Separaram-se localmente a ‘casa’ e a ‘profissão’ e a economia doméstica não é mais um lugar de produção, senão lugar de consumo comum”.(WEBER, 1984, p.306) Segundo Weber, a principal diferença entre a sociedade tradicional e a moderna reside na “utilização racional de capital em uma empresa permanente e na organização capitalista racional do trabalho” (WEBER, 1983, p.36) e no desaparecimento das limitações do afã do lucro.

Com relação ao lucro, Weber utiliza dois critérios nas sociedades tradicionais. O primeiro ligado à tradição, de ordem intrínseca, que não possibilita o lucro dentro do círculo da comunidade; é a chamada moral do grupo. E o segundo que elimina todos os entraves para o afã do lucro em suas relações com o exterior, sem quaisquer barreiras éticas. Assim, “quando a calculabilidade penetra no seio das associações tradicionais, decompondo a velha relação de caráter piedoso, e já não se vive em um regime estritamente comunista, cessa a piedade simples e desaparece toda limitação do afã pelo lucro.” (WEBER, 1987, p.299)

As crenças religiosas se tornam obstáculos para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da técnica. Por esta razão a secularização se tornou necessária, ou no dizer de Pedro Morandé, “a secularização é uma exigência da modernização e não só uma espécie de subproduto dela.”(MORANDÉ, 1984,p.122)

No binômio *modernização-secularização*, a tradição judaico-cristã exerceu segundo Weber, um papel fundamental:

² Usaremos estes dois termos, tradicional e moderna, seguindo a orientação de algumas teorias da modernização que concebem a existência de apenas dois tipos fundamentais de sociedade humana: a tradicional e a moderna. Esta orientação encontra-se fundamentada em **Sociologia do Desenvolvimento**. DURANO, Jr e MACHADO, Lia. “Alcance e Limites da teoria da Modernização”.

Enquanto o judaísmo abriu o caminho ao cristianismo, imprimindo-lhe o caráter de uma religião por completo inimiga da magia, prestou um grande serviço à história da Economia. De fato, o império da magia fora do âmbito do cristianismo é um dos mais graves obstáculos opostos a racionalização da vida econômica. A magia vem estereotipar a técnica e a economia. As profecias quebraram o encanto mágico do mundo criando o fundamento para nossa ciência moderna, para a técnica e o capitalismo (WEBER, 1993,p.303-304).

Agora, a instituição do mercado promete justiça na equivalência das relações de troca. A categoria da reciprocidade usada para fundamentar a nova legitimação é o próprio princípio de organização dos processos sociais de produção e reprodução (...). Essa inversão não significa o abandono da utopia, da esperança do “banquete celestial”, senão uma profunda transformação no conceito do tempo e da história. Um reposicionamento da utopia (SUNG,1994,p.162).

Em outras palavras, o paraíso não mais se dá *além da história*, e sim, no *aquém*. O “velho conceito” do paraíso no céu aterrissa na terra. Um projeto a ser concretizado na história do homem. O banquete celestial será servido àqueles que tomarem o caminho do progresso rumo ao paraíso. Chega-se até *lá*, principalmente pelo aperfeiçoamento da técnica e pelo assim chamado *avanço do progresso*. Enquanto no Ocidente os cristãos e os ‘novos tempos’ designaram o tempo ainda por vir que se abria ao homem somente após o juízo final (...), o conceito profano de idade moderna exprime a convicção de que o futuro já começou, significa a época que vive dirigida para o futuro, a qual se abriu ao novo que há de vir. Desta forma, a censura do começo do novo é deslocada para o passado, precisamente para o início da idade moderna. Foi apenas em pleno século XVIII que o limiar histórico fixado por volta de 1500 foi reconhecido retrospectivamente como sendo na realidade esse começo(HABERMAS, 1990,p.17).

O paraíso – ou “banquete celestial” – foi trazido para a terra. A esperança cristã foi secularizada, sendo o progresso técnico-científico a nova ponte para o seu alcance, ou ainda, para que o paraíso seja vivido em nossos dias.

Na escatologia cristã, a plena realização da esperança se dá no *além da história*; enquanto na esperança da modernidade o ‘fim da história’ se dá na imanência, no *aquém da história* (...). O conceito de progresso transformado em ideologia do progresso, numa visão teológica de história, serviu também para obstruir mais uma vez o futuro enquanto *fonte* de inquietação (...). O futuro deixa de ser uma interpelação ao presente, na medida em que foi descoberto o caminho para a utopia e, assim, a burguesia legitima o quadro institucional capitalista vigente (SUNG,1994,p.165)

O homem moderno tem à sua frente o “infinito acessível” pronto a ser alcançado, desde que saiba usar adequadamente as técnicas certas. Não existem mais limites, basta que se creia, que se tenha fé na prática do progresso, “dado este horizonte (...) os principais elementos da sociedade capitalista, em especial a empresa capitalista, podem ser concebidos como uma unidade de capital com uma perspectiva infinita de acumulação.”(SUNG,1994,p.167). Como descreve Hinkelammert:

O desespero pela parúsia postergada (*base da escatologia cristã*) se converte no ponto de partida da atividade para a transformação do mundo, atividade que parte da impossibilidade do assalto ao mundo das possibilidades imaginárias e que se transforma em motivação de aproximação a tal mundo por via da atividade humana frente à natureza e à sociedade. O trânsito da Idade Média ao mundo moderno, portanto, passa por último e maior movimento milenarista da história humana, cuja frustração desemboca na criação de progressos infinitos de aproximação tecnológica ao possível imaginário. (HINKELAMMERT, 1984,p.214)

Francis Fukuyama descreve bem essa acumulação infinita da riqueza satisfazendo este desejo ilimitado do ser humano:

A tecnologia torna possível o acúmulo ilimitado de riqueza, e portanto da satisfação de um conjunto sempre crescente de desejos humanos. Esse processo garante uma homogeneização uniforme de todas as sociedades humanas, independentemente das suas origens históricas ou das suas heranças culturais. (...) Além disso, a lógica da ciência natural moderna parece ditar uma evolução universal na direção do capitalismo (FUKUYAMA,1992,p.56)

Torna-se então claro, que esse homem moderno frente a esse novo horizonte que desponta sobre si, não pode de maneira nenhuma reagir de forma letárgica, despretensiosa e contemplativa. O homem moderno se transforma, é instigado à produção pela produção, a produção como processo interminável, leva “ao desenvolvimento de novos tipos de homens e, conseqüentemente, a um novo conceito de homem, diferente tanto do antigo como do medieval: o do homem como ser dinâmico.” (HELLER, 1982,p.1) Homem dinâmico, que tece suas teias de relacionamento em cima de “novo” binômio: “homens dinâmicos-relações dinâmicas”. Renasce a noção renascentista da “divindade do homem”: o homem que não nasceu um Deus, mas que se transforma em um. “Este processo de deificação não é percebido como *hybris*, uma transgressão das limitações do homem, como na Antigüidade, na medida em que o Renascimento não reconheceu quaisquer limitações ao desenvolvimento humano. Para Heller essa idéia da igualdade do homem e de Deus só pôde surgir com a noção da igualdade entre os homens, noção esta que “só apareceu no Cristianismo, enquanto conceito de igualdade perante Deus (...), além da crença na perfectibilidade infinita do homem e no pressuposto de que esse processo infinito de aperfeiçoamento é realizado pelos próprios homens”.(SUNG,1994,p.169)

Heller aponta ainda cinco forças essenciais dos homens que, com o auxílio do intelecto e do trabalho, transformam o homem em um deus terreno:

1. A capacidade e o exercício da criatividade (trabalho, arte, ciência, técnica).
2. A autocriação, incluindo o desenvolvimento da sua substância ética e autoconsciência.
3. A versatilidade.
4. A insatisfação (insaciabilidade).

5. Como manifestação desta última, a ausência de limites no que se refere ao conhecimento, à criação e à satisfação de necessidades (...) sendo portanto declarado que o homem era capaz de tudo.”(HELLER, 1982, p.355)

Uma vez que esse homem moderno é capaz de tudo: naturalmente capaz de transformar sua sociedade, seu mundo e não só isso; ele poderá instaurar o tão prometido paraíso aqui, em sua própria terra. E Deus? Este deverá ajudá-lo, ou será “obrigado” a atendê-lo, pois, agora ele – o homem moderno – é o senhor e instaurador desse “novo paraíso”. A figura de Deus passa agora a ser usada apenas para que o homem conquiste seu desejo pelo infinito.

O desejo pelo paraíso, o sonho de sua chegada não é abandonado na modernidade, antes é reelaborado e trazido para o aquém, “é o intento de instaurar um além do mundo na imanência absoluta do seu aquém (...) é o que Feuerbach e Marx designam como projeto de instauração da ‘verdade do aquém’.”(SUNG, 1994, p.170)

A passagem da sociedade tradicional à sociedade moderna foi basicamente uma profunda transformação nos conceitos “de espaço e tempo e a utopia ou a *parousia*, que sofreu um processo de secularização ou “imanetização”. A razão moderna está no centro do processo de desencantamento do mundo e no coração da esperança moderna: a esperança de que a realização dos sonhos da humanidade reside no progresso tecnológico (...), o homem se tornou o sujeito de sua emancipação”(SUNG,1994, p.172). Ou, como nos lembra Juan Luis Segundo, “tudo na Idade Moderna pode resumir-se em uma ruptura com o conceito medieval de homem.(SEGUNDO, 1989,p.295)

Basicamente estas foram algumas das mudanças ocorridas no universo pentecostal brasileiro na passagem da sociedade tradicional para a sociedade moderna. Destaco, em especial, o deslocamento da utopia cristã do paraíso, que se concretizaria no *além histórico*, pela ascese religiosa, acompanhada de uma moral rígida e valores aperfeiçoados, para o *aquém* histórico, em que o banquete celestial será servido a todos aqueles que, conduzidos pelo aperfeiçoamento técnico, chegarem ao paraíso do consumo infinito. Mostro também, a transformação ocorrida no próprio homem. Além de seu ritmo frenético e dinamismo, acarretando relações dinâmicas, este homem passa agora por um processo de deificação. Ele agora pode todas as coisas. O homem finalmente conquista seu espaço junto a Deus, e o horizonte se descortina frente a esse “novo” homem, rumo ao infinito do progresso.

Pelo menos duas correntes teológicas norte-americanas foram trazidas para o Brasil, quase na mesma época da crise econômica brasileira dos anos 80. Essas correntes teológicas influenciaram muito o pentecostalismo, servindo também de agentes de acomodação entre o neopentecostalismo e a modernidade. São elas a “teologia da prosperidade” e a “teologia da batalha espiritual”, de que tratarei a seguir.

A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Em 1864, Ashbel G. Simonton (1833-1867) pioneiro do presbiterianismo no Brasil escreveu em seu diário: -“O céu é o lar dos crentes. Tudo o que é mais caro se encontra lá: pai, mãe, irmã e esposa. Jesus está lá.”³ Se Simonton estivesse escutando algum “pioneiro” da teologia da prosperidade⁴ de nossos dias, quão difícil seria para ele localizar o céu a que ele se referiu em seu diário. A teologia do “aqui e agora” promete que tudo o que é mais caro se encontra não mais *lá*, onde Simonton e outros cristãos sonhavam, mas *aqui*.

As soluções de todos os nossos problemas terrenos como desemprego, caminhos fechados, dificuldades financeiras, depressão, vontade de cometer suicídio, solidão, casamento destruído, desunião na família, vícios (cocaína, crack, álcool, etc.), doenças incuráveis (câncer, AIDS, etc.), dores constantes (de cabeça, coluna, pernas, etc.), insônia, desejos homossexuais, perturbações espirituais (você vê vultos, ouve vozes, tem pesadelos, foi vítima de bruxaria, macumba, inveja ou olhos grandes) má sorte no amor, desânimo total, obesidade, etc.⁵... [os quais, ansiávamos solucioná-los no céu, já podem ser solucionados aqui mesmo na terra⁶] (...) nós temos a solução para você! (sic - texto extraído de folheto informativo de uma das igrejas promotoras da teologia da prosperidade). A esperança cristã sai do “celeste porvir” e aterrissa segura na terra, trazendo de lá toda a riqueza e prosperidade para os “filhos do Pai celeste”.

O cristão deve gozar de saúde plena. Para isso, basta conhecer seus direitos como cristãos e declará-los; ou, como eles mesmos preferem dizer, “tomar posse” da cura, ou do desejo que está prestes a acontecer. Quando estes desejos não são alcançados, duas razões se destacam para o insucesso: primeira, a falta de fé; segunda, satanás está impedindo que tal desejo se concretize. Perceba isso nas duas frases abaixo a seguir:

Muitos cristãos nascidos de novo e cheios do Espírito vivem num baixo nível de vida, vencidos pelo diabo. (HAGIN, 1988, p.19)

Por que, pois, o diabo - a depressão, a opressão, os demônios, as enfermidades e tudo mais que provém do diabo - está dominando tantos cristãos e até mesmo igrejas? É porque não sabem o que pertence a eles. (HAGIN, 1988, p.37)

Saúde e finanças (prosperidade) devem ser marcas do cristão. Saúde e finanças são seus direitos, pois esta é a vontade de Deus. Alguns pregadores da teologia da prosperidade chegam a afirmar que “Deus quer que seus filhos comam a melhor comida, vistam as melhores roupas, dirijam os melhores carros e tenham o melhor de todas as coisas” (PIERRAT, 1994, p.59).

³ Simonton, Diário, 31/7/1864, p. 107

⁴ Esta Teologia recebe vários nomes tais como: “Palavra da fé”, “Confissão Positiva”, “Ensino da fé”, etc.

⁵ Ultimato, Janeiro de 93,14

⁶ Frase e grifo meus.

Como se não bastasse, alguns destes pregadores acrescentam que, ao contrário dos primeiros pentecostais, que viam o homem como vasos para o serviço de Deus, verdadeiros templos do Espírito Santo, os homens do neopentecostalismo devem ser vistos como um deus. É o ensino de outro teólogo da prosperidade, Kenneth Copeland: “Você não tem Deus morando dentro de você, você é Deus” (HAGIN, 1988, p.19).

Assim, estes “deuses” em que foram transformados os homens dessa teologia, não ficam doentes e nem ao menos passam por problemas financeiros, pois, como diz Hagin: “Ele (Deus) nos deu, individualmente um cheque assinado, dizendo: ‘Preencha-o’. Deu-nos um cheque assinado, cobrável aos recursos do céu.” (HAGIN, 1988, p.19)

O céu foi trazido aqui para a terra. O mundo material está debaixo do controle de forças espirituais, sendo que estas forças podem ser manipuladas e controladas por meio da fé, que por sua vez está a disposição do cristão, submissa à sua vontade e desejo. A dimensão espiritual torna-se real na dimensão natural por meio da fé.

A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE NO BRASIL

A TP é introduzida no Brasil por volta dos anos 70, esparramando-se por várias igrejas neopentecostais. O que se vê nestas igrejas é uma reprodução clara da Teologia da Prosperidade. Os líderes religiosos adeptos à Teologia da Prosperidade estimulam seus fiéis a não só buscarem de Deus a prosperidade, como exigí-la, pois o plano de Deus para o homem é fazê-lo feliz, abençoado, saudável e próspero em tudo.(SOARES, s/data, p.141) Verbos como “exigir”, “decretar”, ”determinar”, ”reivindicar”, freqüentemente substituem os verbos pedir, rogar, suplicar(ROMEIRO, 1993, p.141).

A ética destes segmentos evangélicos é confrontada principalmente no que tange às suas orientações quanto ao ditado franciscano⁷ “é dando que se recebe”, ou seja, dar dinheiro para receber bênçãos. Diferente da ética protestante estudada por Max Weber, onde a motivação é o trabalho consciente, racional, como dever e vocação, um fim em si mesmo, e não o ganho material que se obtém através do mesmo,

A oportunidade de ganhar mais era menos atrativa do que a de trabalhar menos. Ele não perguntava: quanto posso ganhar por dia se trabalhar tanto quanto possível, mas: quanto devo trabalhar a fim de ganhar o salário que ganhava anteriormente e que era suficiente para minhas necessidades (WEBER:1983, p38)

O trabalho deve, ser executado como um fim absoluto por si mesmo – como uma vocação. Tal atitude, todavia, não é absolutamente um produto da natureza. Ela não pode ser provocada por

⁷ Este ditado Franciscano é usado no sentido utilitarista do termo. Dando-se os dízimos, ofertas, bens, etc., Deus lhe dará em troca mais bens do que você deu. Em outras palavras chega muito perto de uma negociata com Deus.

baixos salários ou apenas salários elevados, mas somente pode ser o produto de um longo e árduo processo de educação (WEBER:1983, p47)

Com esses valores a Ética Protestante, segundo Max Weber⁸ constrói um *ethos* propício à acumulação de bens e capital. As riquezas são vistas como dom de Deus, fruto de uma vocação/profissão e, que por isso, devem ser bem administradas, evitando-se a luxúria bem como os prazeres deste mundo. Resta então ao protestante o gozo e satisfação em seu trabalho.

É bem verdade que a ascese, assim como disciplina, não são criações propriamente protestantes, pois dentro da religião católica romana não poucos fiéis dedicavam-se à disciplina do trabalho e da oração dentro da chamada vida monástica, que conseqüentemente os afastavam dos assim chamados “prazeres mundanos”. A principal inovação por assim dizer, do protestantismo, segundo Weber, encontra-se na tradução que Lutero faz da Bíblia, em especial a tradução da palavra alemã *Beruf* referindo-se tanto a vocação como ao trabalho/profissão secular. O protestante passa então a enxergar seu trabalho como um chamado divino, uma missão a ser desenvolvida e vivida. A riqueza do fiel protestante, vinda do desenvolvimento de suas atividades produtivas, era re-investida novamente no seu próprio trabalho entendido como vocação.

A Teologia da Prosperidade ocasionou uma forte mudança na visão pentecostal e, até mesmo, correndo o risco de ser demais genérica na visão cristã. O além, vida e salvação após a morte são atraídos e desejados no aquém. Vida após a morte significa, na Teologia da Prosperidade, vida terrena, deixando de lado a vida de cruz proposta pelos primeiros pentecostais. O ascetismo (negação dos prazeres da carne e das coisas deste mundo) inverteu-se, enfatizando-se agora o usufruir destas coisas neste mundo, como parte do Cristianismo. Como explica um de seus mais proeminentes pregadores no Brasil:

Uma grande revolução está ocorrendo no meio do povo de Deus. Antigamente era ensinado que para uma pessoa agradar a Deus, ela deveria ser pobre e passar privações...Hoje há milhares de filhos de Deus que estão começando a tomar posse da herança que temos em Cristo Jesus. Por todos os lados vemos pessoas contar os mais lindos testemunhos de prosperidade...Se você ousar crer em Deus e assumir a sua posição na Palavra de Deus determinando a sua prosperidade, assim será (SOARES,Lição II, Miséria)

Enfim, a Teologia da Prosperidade ajudou alguns setores do Neopentecostalismo a ingressar num mundo, o qual, seu ascetismo protestante histórico, tão bem relatado por Max Weber em seu livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, os impedia. Pois este ascetismo, segundo Weber, definia

⁸ Quanto a análise weberiana, cabe registrar ainda, que teólogos calvinistas de modo geral fazem restrições a alguns enfoques da mesma, argumentando por exemplo que João Calvino viveu no século XVI enquanto Weber no século XIX, sendo assim pouco provável, segundo estes teólogos, que o capitalismo tal qual foi “engendrado na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, possa ter existido na época de Calvino. O capitalismo era desconhecido de Calvino e da sua geração” (ARAÚJO GOMES:2002, p54). Para um estudo mais aprofundado ler o artigo *A Ética Calvinista e a Ética Protestante de Max Weber* de ARAÚJO GOMES, Antônio Maspoli de, in *Um olhar sobre ética & cidadania*. Ed Mackenzie,2002.

que a riqueza protestante é adquirida no trabalho cotidiano, metódico e racional, sendo este, um dos sintomas de comprovação do estado de graça do indivíduo (WEBER, 1984, p. 306); enquanto que na Teologia da Prosperidade, o meio de se obter a riqueza é via fé e não mais via trabalho cotidiano, metódico e racional. Nem mesmo procura a riqueza para comprovar seu estado de graça. Segundo Ricardo Mariano (MARIANO, 1995, p. 189), no neopentecostalismo o crente não procura a riqueza para comprovar seu estado de graça. Não se trata disso. Como todos os demais, crentes e incrédulos, querem enriquecer para usufruir de suas posses neste mundo. Tal motivação, sem dúvida, foge totalmente ao espírito do protestantismo ascético, sobretudo da vertente calvinista descrita por Weber.

Este “novo crente” pode agora projetar-se no mundo dos negócios e dos prazeres desta terra sem ter de afligir-se; pode sonhar com as riquezas terrenas sem se auto-flagelar; encara-as agora não mais como um inimigo a ser vencido, e sim como um aliado que o ajudará a conquistar e desfrutar tudo aquilo que um dia sonhou e desejou.

E, como se não bastasse, o “negócio” é proposto por Deus, o qual, é muito simples e muito fácil, segundo R.R. Soares (SOARES, 1985, p.12): “Damos a Ele, por intermédio da sua Igreja, dez por cento do que ganhamos e, em troca, recebemos d’Ele bênçãos⁹ sem medida...”

Caso não dê certo, caso você seja dizimista fiel e mesmo assim não prospere, ele responde: “Não basta dar o dízimo. Os negócios aqui na terra são administrados pelo homem. Se for inteligente, astuto, e souber aproveitar as oportunidades, estes dons, aliados à benção divina, farão dele uma pessoa tremendamente próspera”(SOARES, 1985,p.17).

A Teologia da Prosperidade estabeleceu a ponte para que o neopentecostalismo pudesse ingressar com seu discurso ao paraíso do consumo. Porém, não era o bastante. A possibilidade do não enriquecimento necessitaria ser explicada de uma maneira melhor elaborada. A Teologia da Batalha Espiritual nasce com o ardor de acabar com aquele que destrói a riqueza trazendo miséria e desconforto. A Teologia da Batalha Espiritual é reelaborada fazendo com que o mal, ou o Diabo, atuasse como impedimento à entrada no paraíso celeste. Estudaremos a seguir um pouco a respeito desta teologia.

A TEOLOGIA DA BATALHA ESPIRITUAL

A segunda corrente teológica é a chamada de “batalha espiritual”, ou “guerra espiritual”. Essa teologia não é nenhuma novidade entre os cristãos. Jesus, o Filho de Deus, conforme o relato dos

⁹ Bênçãos, isto é, riquezas e saúde.

evangelhos, expelia demônios, curava enfermidades causadas por espíritos malignos, chegando até mesmo a travar diálogo com um desses espíritos.

Essa luta contra seres invisíveis é entendida principalmente a partir da ordenança de Jesus aos seus discípulos para, em nome Dele, expelirem demônios. O apóstolo Paulo, na carta aos Efésios, embasa essa teologia ensinando que “a nossa luta não é contra a carne e o sangue e, sim contra os principados e potestades, os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestes”.¹⁰

Os demônios agem “tomando posse de pessoas (possessão) com enfermidades, surdez, mudez, gagueira, encurvamento, etc.” (CAIO FÁBIO, 1993, p.53). Segundo alguns pastores, a batalha espiritual ocorre em três níveis: (1) individual (que acontece na mente e no coração); (2) social (que acontece na memória da sociedade); (3) e em nível cultural (na formação de valores e de percepções dentro da sociedade).

Essa teologia, aparentemente adormecida no cristianismo, é despertada pelos pentecostais, que a reintroduzem com muita força. Exorcismos no meio pentecostal sempre fizeram parte do próprio movimento. Em grandes concentrações, igrejas e lares, esta prática está ligada ao pentecostalismo.

Porém, com a terceira onda, ela é supervalorizada. “Evangelho é poder, e poder tem de ser exercido, para a derrota de satanás... e a glória de Deus.” (MACEDO, 1988,p.138)

O neopentecostalismo levanta a bandeira da batalha espiritual como tema principal, indo ao encontro de tudo aquilo que poderia assemelhar-se à “guerra santa”. Umbandistas são atacados como aliados do inimigo. Algumas igrejas neopentecostais, com apoio da mídia televisiva se levantam como bravas guerreiras, dando sinais de que a luta apenas começa. Numa entrevista, um dos pastores dessas igrejas, ao ser questionado sobre esta batalha, respondeu: “É verdade que os orixás são o diabo e que as pessoas que estão na macumba não prestam, mas nós não brigamos com elas. Só queremos levar a palavra de Cristo até elas”¹¹.

Dentro do movimento da batalha espiritual costuma-se outorgar uma autonomia hipertrofiada ao diabo, que quase chega ao mesmo pé de igualdade com Deus. Essa heresia foi combatida pelos primeiros cristãos, conhecidos como “pais da igreja”, em 165 a.C.. Seu propagador foi Justino Martir, que afirmava uma autonomia total do diabo em relação a Deus. Na teologia neopentecostal percebe-se uma ênfase maniqueísta: a luta do bem contra o mal. De um lado, as forças das trevas comandadas pelo diabo, e de outro os crentes com Deus resistindo heroicamente aos ataques do mal.

Outra faceta dessa guerra é a enormidade de experiências pessoais. Cada experiência é contada de uma forma tal, que seu modelo é absolutizado e transmitido como verdade fundamental. Como se

¹⁰ Ef. 6:10-12

¹¹ Jornal do Brasil. 05 de Fevereiro de 1988.

trata de um universo simbólico, subjetivo, cada experiência se constitui em terreno fértil para a possibilidade de uma nova versão do mundo espiritual.

Frank Hammond, um dos grandes nomes e divulgadores da batalha espiritual, descreve assim sua experiência:

Uma vez que as manifestações variam de pessoa para pessoa não é possível explicar, de antemão, o que vai acontecer. Igualmente às outras libertações, a manifestação que acompanha a saída dos espíritos imundos pode variar muito. Em minha própria experiência, logo que confrontei o demônio, senti uma pressão em minha garganta e em seguida tossi e vomitei muco. Houve, então, um sinal de que a coisa tinha saído. (HAMOND, s/data,p.61)

O mundo espiritual é povoado por seres angelicais, onde é travada uma batalha entre os anjos do bem e os anjos do mal. Mas, não é só nesse mundo que ocorre a batalha. Aqui na terra, a participação humana é de vital importância, como ficou dito atrás. O homem atua como se a batalha para ser ganha dependesse apenas dele, com um leve “empurrãozinho” de Deus. Chega-se a ventilar subliminarmente que Deus seria impotente, no sentido de que ele precise da participação humana para agir. Daí a necessidade do crente guerrear, reivindicar, amarrar, expulsar, etc..

O termo “amarrar” é muito usado pelas igrejas neopentecostais. Em tudo que possa dar a entender um ataque das trevas se faz uso desta palavra quase mágica: “Tá amarrado!” Adesivos, etiquetas, camisetas são confeccionados com estes dizeres. Recentemente um adesivo colado no vidro traseiro de um automóvel, dizia em letras garrafais: “Olho gordo, tá amarrado!” Tudo o que possa atrapalhar a vida do cristão, que possa deixá-lo mais pobre e mais miserável, que possa vir a frustrar seus planos, imediatamente ele deve sacar a palavra mágica do mais profundo de seus pulmões e gritar bem alto para que o inferno possa ouvir: “Tá amarrado, isso, ou aquilo!” Frank Hammond¹², explica:

Os espíritos que controlam o cativo habitam nas regiões celestes onde reina o príncipe da potestade do ar. Jesus deu à sua igreja o poder de “amarrar satanás”. Temos que levar a batalha até a porta do inferno e derrotar a estratégia que satanás tem lançado contra Jesus. O que quer que seja que amarramos ou libertamos na terra é o que está no estado de ter sido amarrado ou libertado no céu. Conseqüentemente, para poder amarrarmos ou libertarmos as coisas na terra, é necessário primeiro amarrá-las (ligá-las) e libertá-las (desligá-las) no reino dos céus. (HAMOND, s/data,p.65)

Para os propagadores da batalha espiritual no Brasil não existe nada que esteja fora da atuação demoníaca, quer seja futebol, política, artes ou religião: nada escapa ao cerco de satanás. Para derrotá-lo, os neopentecostais se levantam como verdadeiro exército, pronto a guerrear até as últimas conseqüências.

¹² Frank Hammond escreve e ensina sobre batalha espiritual. Tanto Frank como sua esposa são texanos. Frank é formado pela Universidade de Baylor e pelo seminário Teológico Batista do Sudoeste, em Ft. Worth. Seu livro foi adotado pela Igreja Renascer em um dos cursos oficiais ministrados sobre o assunto.

Geralmente se nomeiam esses demônios. Umbanda e Candomblé são os que mais têm sofrido a ira dos neopentecostais. Não só são perseguidos como seus orixás são sempre lembrados em cultos de exorcismo. Pomba-gira, exu isto, exu aquilo, tranca-rua, etc., são os espíritos mais exorcizados no neopentecostalismo, porque atuam no mundo contra tudo e contra todos. Tais pregadores assim entendem a atuação demoníaca no mundo material:

Todos os males que afligem a humanidade, doenças, misérias, desastres e todos os problemas (são cometidos por demônios)(...) Os demônios, espíritos destruidores, estão nos germes, bacilos e vírus. São a principal causa das doenças. Os demônios são culpados pelo fato do Brasil não ser um país desenvolvido. (MACEDO, 1988, p.71,89)

Acentuadamente os problemas estruturais e conjunturais da sociedade vão sendo imputados pelos neopentecostais como responsabilidade de espíritos demoníacos. Isenta-se a culpabilidade humana e transfere-se sua responsabilidade para outro ser, que não pode ser chamado à razão. Culpado por toda corrupção, miséria e desgraça no país e no mundo, o diabo tem sido usado como “válvula de escape” para os problemas sociais, econômicos e políticos, pelo qual o mundo e, principalmente o Brasil atravessa.

O neopentecostalismo enfatiza a batalha espiritual muito mais do que as outras duas ondas pentecostais anteriores. A centralidade no culto gira em torno do exorcismo. O diabo ganha papel de destaque na liturgia interrompendo-a todas as vezes que for necessário. Basta o grito de um possesso, ou uma manifestação mais visível para que o culto seja interrompido, os obreiros corram em direção à pessoa, expulsem o incômodo visitante e, finalmente, o indivíduo é liberto.

Olho gordo, olho grande, desemprego, problemas sentimentais, problemas financeiros, depressão, enfermidades, seja qual for o problema, basta apenas dirigir-se a uma das igrejas chamadas neopentecostais, para que seus problemas sejam solucionados mediante uma “oração forte” contra os poderes demoníacos, ou uma “campanha de oração e jejuns”, ou uma “corrente de libertação”. Os nomes podem variar, mas a função é a mesma: trazer ao homem novamente a felicidade espiritual e, a reboque, saúde e prosperidade. Para termos uma melhor idéia, transcrevo a oração feita por um dos pastores da batalha espiritual, relatada por Mariano:

Que o Senhor venha atender os nossos pedidos. Venha nos dar prosperidade, saúde (...).eu quero que os espíritos malditos, os demônios que estão na vida destas pessoas colocando a miséria, os problemas, o desemprego, saiam. Podem manifestar, vamos. Manifesta o Tranca Rua. Você que está trancando os aumentos salariais das pessoas. Você que está tirando a felicidade das pessoas. Você que está no estômago, nas pernas, na cabeça, na vida financeira, vai saindo. Os Exus-Caveira, o Oxalufã, a Pomba-Gira, sai, sai. Você que está colocando o vírus da AIDS, a gastrite, a infelicidade, pode manifestar agora. O Lúcifer, a Maria-Bonita, a Pomba-Gira Sete Gargalhadas do Bordel, podem manifestar agora. Vocês vão ser queimados, queimados, queimados. Vamos, começa a manifestar agora, vamos. Você que coloca caroço no seio, coloca câncer, sai agora. Vai sendo queimado agora em nome de Jesus. Vai queimando, Jesus, todo mal, toda doença, toda enfermidade. Em seguida os fiéis são orientados a segurar ou colocar as mãos em objetos que simbolizem sua prosperidade financeira, como carteira, bolso, talão de cheques, e orar com fé, pedindo o aumento salarial ou algum bem que desejam adquirir. Por fim, acompanhando o pastor,

todos amaldiçoam e expulsam toda miséria e todo mal existentes em sua vida, esbravejando “sai, sai”. (MARIANO,1995,p.119)

Existem cultos específicos para exorcismos, chamados “cultos de libertação”. Neles os demônios são invocados, amarrados depois de manifestos e exorcizados. O espaço sagrado torna-se palco para manifestação de uma “guerra entre deuses”. Nesta guerra digladiam entre si os demônios e Deus, usando para isso os pobres mortais, a princípio pelo mal e, depois de libertos, usados para o bem.

Geralmente se reservam as sextas-feiras para esse tipo de culto. Sexta-feira é conhecida na umbanda como o dia das giras de exu, em que se manifestam e trabalham. A luta contra umbanda, candomblé e outras religiões está fazendo com que alguns elementos destas religiões sejam incorporados ao dia-a-dia das igrejas neopentecostais. Essa combatividade ferrenha está fazendo que elementos da estrutura dessas outras religiões, principalmente das afro-brasileiras, não só sejam incorporadas a elas, tornando a presença delas necessárias à existência das mesmas.

Vários jejuns¹³ são apregoados por líderes neopentecostais. O jejum da libertação é um deles, bastante conhecido. Líderes e obreiros permanecem em abstinência de alimentos por períodos determinados, para à noite, durante o culto, obterem maior sensibilidade na batalha espiritual que irá se travar. Na segunda-feira, 14 de outubro de 1996, às 16:00 h, o pastor que falava ao microfone da Rádio Nacional, AM 92, conclamava o povo a estar na terça-feira à noite, no grande culto do “jejum da libertação”. Convidava as pessoas endividadas e com pendências judiciais a estarem na igreja para receber uma oração especial e participar de um clamor pelos endividados. Sugeriu aos ouvintes que escrevessem seus pedidos numa folha e o levassem à noite para a oração, “para a grande batalha que iria acontecer”.

Em certas ocasiões, como feriados, festividades, etc., igrejas neopentecostais juntamente com algumas pentecostais, promovem mega-concentrações de evangélicos na região central da cidade de São Paulo, mais precisamente no Vale do Anhangabaú, contando com a presença de inúmeras bandas evangélicas, reunidos para “quebrar o poder de maldição dos espíritos territoriais sobre a cidade de São Paulo”. Conferências proféticas e Conferências sobre Batalha Espiritual são anualmente organizadas por algumas dessas igrejas.

Há outra corrente dentro da teologia de batalha espiritual que ensina que não se guerreia com as forças do mal apenas enquanto indivíduos. Podemos herdar maldições de nossos pais, avôs ou bisavôs. Por exemplo, se meu avô foi uma pessoa pobre, desprovida de bens materiais, eu tenho de orar e “quebrar as maldições” que estão sobre mim, através da minha família. A pessoa precisa se libertar,

¹³ Abstinência ou abstenção total ou parcial de **alimentos** em determinados dias, por penitência ou prescrição religiosa ou médica.

renunciar ao pecado ou às ligações demoníacas de seus ancestrais e “quebrar” através do nome de Jesus as “maldições hereditárias”.

Nossa sociedade aceita com naturalidade as favelas, os menores abandonados nas ruas e um salário mínimo tão abs’urdo em decorrência da mentalidade dos escravocratas, dos quais herdamos estes princípios que estão impressos em nossas estruturas sociais e em nossos genes. (RODOVALHO, 1992, p.15,70)

Assim, o neopentecostalismo desponta com ênfase na batalha espiritual, espiritualizando todos os problemas terrenos. Em nenhum momento orienta seus fiéis a enxergar os problemas como originários do próprio homem. Questões como corrupção, pobreza, miséria, mentira, má administração do dinheiro público, e afins, são “problemas demoníacos” e, como tal, precisam ser exorcizados. O diabo interfere tanto no sucesso material como no insucesso e no fracasso do ser humano. Em nenhum momento a injustiça social, o desemprego, a má distribuição de renda são vistos como problemas de uma sociedade injusta. Sempre como fruto da ação malévola de forças do mal.

COSIDERAÇÕES FINAIS

Fica, assim, patente que o neopentecostalismo alterou significativamente seu entendimento sobre a *parusia* cristã ao incorporar as “teologias” da prosperidade e da batalha espiritual, a fim de antecipar as benesses da vinda do Reino de Deus, do *além* para o *aqui e o agora*. O fiel não necessita mais aguardar o paraíso cristão para o além, ao contrário, ele pode saciar *agora* seus desejos e caprichos, ingressando com isso na lógica do mercado moderno, do consumo sem limites.

Evidencia-se um significativo distanciamento do neopentecostalismo em relação aos primeiros pentecostais que chegaram ao Brasil no início do século XX. Estas “novas igrejas” neopentecostais desenvolvem-se e atuam como verdadeiras empresas, com estratégias mercadológicas e, acomodam seus bens religiosos aos interesses de seus inúmeros féis, fazendo com que os mesmos sejam guiados pela orientação do individualismo concorrencial.

BIBLIOGRAFIA

CAIO FÁBIO, D'Araujo Filho. **Batalha Espiritual - discernindo os agentes espirituais no dia-a-dia**. Vinde, Niteroi,RJ,1994.

GRECO,Milton, “**Os paradigmas fundamentados na certeza**”, em: MEDINA,Cremilda(org.), **A crise dos paradigmas: Anais do 1 seminário transdisciplinar**, São Paulo, ECA/USP, 1991.

FUKUYAMA, Francis. **O Fim da História e o Último Homen**. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

HABERMAS, Jürgen, **Técnicas e ciência como “ideologia”**, in: BENJAMIN, HORKHEIMER, ADORNO, HABERMAS, **Textos escolhidos**, S.Paulo, Abril(Col. Os pensadores), 1975.

HABERMAS, Jürgen, **O discurso filosófico da modernidade**, Lisboa, Don Quixote,1990.

HAGIN, Kenneth, **Novos Limiares da fé**. Graça editorial. s/ data de publicação.

_____. **O Nome de Jesus**. Graça editorial.1988.

HAMMOND, Frank e Ida Mae. **Porcos na sala**. Ed. Unilit.. Mogi das Cruzes - SP, s/data.

HELLER,Agnes, **O homem do renascimento**,Lisboa,Ed.Presença,1982.

HINKELAMMERT, Franz. “Dialética del desarrollo desigual”, Santiago, **Cuadernos de la realidad Nacional**,n.6(n. especial),1970.

_____, **Crítica a la razón utópica**, San José,DEI,1984.

MACEDO, Edir. **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?**. RJ, Universal Produções. 1988.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando**. Dissertação de mestrado em Sociologia apresentado em 1995 ao Depto. de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

MORANDÉ, Pedro, **Cultura y modernización em America Latina**, Santiago, Pontificia Universidad Católica de Chile,1984.

PIERRAT, Alan B., **O Evangelho da prosperidade - Análise e Resposta**, Edições Vida Nova, São Paulo, 1994.

POLANYI,K., **A grande transformação: as origens da nossa época**, Rio de Janeiro, Campus, 1980.

ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes: O Evangelho Segundo Kenneth Hagin, Vanlice Milhomens e os Profetas da Prosperidade**.SP, Ed. Mundo Cristão,1993.

RODOVALHO, Robson. **Quebrando as maldições hereditárias**. Goiás. Koinonia.1992.

SOARES, R.R.. **As bênçãos que enriquecem**.RJ, Graça Editorial, sem data.

_____. **Curso Visão Ampla dos Importantes Assuntos da Vida**, Lição II, Miséria.

SUNG,Jung Mo, **Teologia e Economia - repensando a teologia da libertação e utopias**, Petrópolis, 1.ed.,Vozes, 1994.

SEGUNDO,Juan Luis, **El dogma que libera: fé, revelación y magistério dogmático**, Santander, 1989,p.295.

WEBER,Max,**Economia y sociedad**, México, Fondo de Cultura Económica, 7 reimp.,1984.

_____. **Sociologia da Religião** (tipos de relações comunitárias religiosas).in: **Economia e Sociedade:Fundamentos da Sociologia Compreensiva**. Brasília,UNB.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**,3 ed.,S.Paulo, Liv. Pioneira,1983.

_____. **História económica general**, México, Fondo de Cultura Económica,7ª reimp.1987.